

Livro: PETERSON, Eugene. *A oração que Deus ouve: o livro de Salmos como guia básico de oração*. Brasília: Palavra, 2007. Resumido por JLHack em 07/2011; revisto e ampliado em 08/2018 e 09/2019.

Introdução

O ser humano é uma criatura que fabrica ferramentas (*homo faber*). Embora não sejam evidentes, as ferramentas são muito necessárias no nosso cotidiano. Todo comportamento humano observável requer o uso de ferramentas. Portanto, viver como ser humano implica utilizar ferramentas.

As orações são ferramentas, não para fazer ou obter coisas, mas ser e tornar-se humano. Nossa cultura é voltada para o exterior e não nos aventuramos a explorar nossa imensidão interior. Na jornada humana, as orações são tecnologia primária usada por Deus para operar sua vontade em nós e usada por nós para colaborarmos com seu trabalho em nós. Os salmos são as melhores ferramentas disponíveis para exercitar a fé: 150 orações para várias circunstâncias. [Nota: No século 4, a carta de uma cristã denomina os salmos de “implementos agrícolas” em sua vida de oração.]

Duas coisas são admiráveis a respeito dos salmos.

1) Os salmos são necessários. O consenso sobre isso na história da igreja é vasto. [Nota: Se a história sobre o uso dos salmos fosse escrita, seria uma história sobre a vida espiritual da igreja. Desde o início, o saltério é o manual de oração e louvor da igreja, em público e em particular. Você se torna um com a igreja ao orar os salmos]. Não são necessários para a salvação, nem para legitimar nossa oração. São necessários se desejamos crescer na vida de fé, amadurecer em nossa humanidade e glorificar a Deus com todo o nosso coração, mente, alma e força. São presentes de Deus para nos treinar na oração abrangente e honesta. Os salmos são orações-modelo. Ao aprendermos com eles, adquirimos mais facilidade no uso destas ferramentas. Se deliberadamente os ignorarmos, teremos que aprender a orar por tentativa e erro, usando ferramentas inferiores. Se os desconsiderarmos, perderemos o âmago em que Cristo trabalhou sua própria oração. Ele continua a orar os salmos por meio da igreja: “proferimos esta oração do salmo nele, e ele a profere em nós” (Agostinho, comentário ao Sl 85).

2) Os salmos possuem uma singularidade desconcertante, pois não se enquadram em um formato único que naturalmente leve as pessoas à oração. A oração é básica à nossa existência, pois somos criaturas incompletas, que buscam alcançar a plenitude; costumamos expressar esse desejo através da oração. As orações articulam nossa busca do melhor: concedem voz à aspiração pela excelência. Elas também revelam o que há de mais forte em nós, geralmente aquilo que é mais reprovável. Os salmos são diferentes, pois não são orações que cedem ao ego religioso e cultivam anseios passionais. Eles têm uma austerdade angular, pois são atos de obediência, respostas ao Deus que se revela a nós e nos procura. Deus vem e fala: sua Palavra nos surpreende no pecado, no desespero, nos invade pela graça. Os salmos são nossa resposta, às vezes surpresas ou desconcertantes, pois nem sempre gostamos do que Deus nos diz e nem sempre o entendemos. Nossa resposta faz parte da grande conversação com Deus; os salmos nos treinam nela. Os salmos subjugam nossos desejos ao viver pela fé em Deus. Expressam respostas não ensaiadas ao Deus da aliança. Oramos a um Deus que conhecemos. Oramos praticando uma fé obediente. O essencial na oração não é aprendermos a nos expressar, mas aprendermos a responder a Deus. É isso que os salmos nos ensinam.

Por que alguns não usam os salmos hoje? Por ignorância (desconhecem essa rica fonte), intimidação (acham que só especialistas os entendem) ou indolência (é mais fácil orar por impulso). Diante da aterradora superficialidade que assola a espiritualidade atual, é imperativo redescobrir os salmos. Não precisamos nos tornar especialistas nos salmos antes de utilizá-los; eles são os meios para alcançarmos proficiência na arte de orar. A prática cristã de orar os salmos é direta: simplesmente ore os salmos, um a um, regularmente! É isso que fazem os livros de oração de algumas denominações. “Os salmos são o propósito do Espírito Santo para conceder a igreja uma forma comum de

oração” (Calvino). É assim que a maioria dos cristãos tem amadurecido na oração. A oração em si deve ser deliberada e vagarosa, permitindo que, aos poucos, as emoções do coração entrem em harmonia com o movimento dos lábios.

1. Texto

Cada texto possui uma textura diferente. As palavras tramadas em um tecido de significado possuem uma *sensação* característica associada a elas. Obter essa percepção de como as palavras são usadas e como nos apropriamos delas é pré-requisito para captarmos o seu significado. Ao ouvirmos alguém falar, percebemos isso por meio do tom e do ritmo. Quando lemos palavras escritas, percebemos isso observando a estrutura do texto.

A textura dos salmos se forma com poesia e oração. Poesia é uma linguagem de intensidade pessoal; não é um discurso decorativo. Arrasta-nos às profundezas da nossa própria realidade, ao seu âmago. A poesia vai direto à jugular; é visceral. Não se limita a revelar algo desconhecido, mas nos relembra o que é esquecido ou suprimido na superfície. Oração é uma linguagem de relacionamento pessoal com Deus. É nossa resposta (nem sempre articulada ou positiva) ao Deus que fala conosco. Amamos falar sobre Deus, não com ele; os salmos resistem a esta tendência! A poesia nos faz lidar como nossa verdadeira humanidade; já a oração exige que lidemos com o próprio Deus. Assim, essa textura (poesia e oração) gera entusiasmo e dificuldade de interpretação; é mais fácil ficar com a prosa e o distanciamento religioso.

Os salmos não podem se tornar orações em nós se não abraçarmos as condições nas quais foram proferidos. Três condições formam esse contexto:

1) Uma *teologia revelada*. Os salmos são teocêntricos; revelam quem Deus é e como ele age. Por serem repletos de experiências humanas, Calvino os denominou “uma anatomia de todas as partes da alma”. São informações básicas, profundamente sentidas e honestamente verbalizadas, sobre a condição humana. Parecem apropriados ao estudo da Psicologia. Contudo, os salmos não são o registro de pessoas em busca do significado da vida; antes, são usados por pessoas que entendem que Deus é tudo para elas. Deus é o centro, não os sentimentos. As experiências humanas provocam as orações, mas elas não as condicionam *como* orações. Não devemos ler os salmos buscando desenvolver nossa vida interior ou obter grandes experiências; eles apresentam a reação humana a Deus. Os salmistas são apaixonados por Deus. Não lançam desejos melancólicos para o alto, para um deus desconhecido; possuem uma *doutrina* de Deus. Os salmos são respostas pessoais a uma revelação pessoal de Deus, condicionadas pela Palavra de Deus, não pelos humores da alma.

2) Um *cânon definido*. Os salmos são parte de algo maior, não são fragmentos isolados de orações. Existem no contexto das Escrituras e seus 66 livros. Este cânon foi inspirado pelo mesmo Espírito e tem um propósito comum: a salvação. Por isso os salmos não podem ser orados fora deste contexto maior. Os salmos estão cercados por uma herança genética e cultural, de culto e crença. Não adaptamos as orações originais ao nosso gênio espiritual. A oração não é uma linguagem original, é recebida. Quando oramos os salmos, adentramos nessa experiência de séculos e séculos como povo de Deus, com toda a vida complicada que se apresenta nos demais livros.

3) Uma *liturgia praticada*. Os salmos são orações em uma comunidade adoradora. A oração não é uma prática privada, sua base está na comunidade crente reunida no culto. Às vezes oramos sozinhos, mas isoladamente não somos nós mesmos. A oração privada é excesso de egoísmo; ela só atinge plena maturidade ao ser integrada na comunidade de oração. Todos os salmos eram orados nessa comunidade, por isso devemos orar em comunidade. Não é fácil viver em comunidade, mas nem a graça nem o amor são possíveis sem amigos e inimigos. Orar os salmos juntos desenvolve a vida em comunidade. A oração não visa à nossa autoexpressão, mas sim sermos nós mesmos, e não conseguimos fazer isso sozinhos.

Estas condições se opõem à nossa prática religiosa. Preferimos orar conforme nossas

próprias capacidades espirituais (deixando Deus em segundo plano), meditando sobre verdades sublimes (sem a complexidade das Escrituras) e com atenção exclusiva de Deus (sem pessoas irritantes ao lado). Porém, o texto que nos ensina a orar possui condições e precisamos segui-las.

2. Caminho

O saltério não inicia com uma oração, pois precisamos de uma preparação para deixarmos o nosso mundo centrado no ego e entrarmos no mundo centrado em Deus. Os dois primeiros salmos pavimentam este caminho e propiciam uma introdução ao saltério. Os Salmos são um livro editado; essas orações foram coletadas e organizadas durante a história de Israel. Assim, os salmos 1 e 2 são uma porta de entrada para elas, demarcando o caminho que conduz à oração.

Sentimo-nos famintos e sedentos de Deus, porém nossos mais nobres apetites são corrompidos por nossos próprios medos e desejos, bem como pela marca que a cultura imprime em nós. A menos que tenhamos auxílio externo, nossas orações serão apenas projeções verbais e emocionais de nosso mundo que não ora. Os salmos 1 e 2 formam um par, trabalhando em conjunto para nos levar ao caminho da oração.

A palavra *feliz* dá o tom dos dois salmos, surgindo no início (Sl 1.1) e no final (Sl 2.12). Motiva-nos a buscar o caminho para a felicidade verdadeira. Não com apreensão (que paralisa diante dos riscos), nem com obediência formal (que torna os pés pesados). A antecipação de ser feliz opera em nós mudanças que nos capacitam a sermos felizes. Adentramos neste mundo de oração em estado de alerta (Sl 1) e adoração (Sl 2).

1) *Estado de alerta*. O Sl 1 apresenta uma ação (meditação na Torá) e uma imagem (árvore junto à corrente de águas). As palavras divinas (*torah*) são lanças arremessadas (*yarah*) da mente de Deus para a nossa. Quando nos falam, não somos mais os mesmos. São instruções vivas; não são meras informações passivas. São instruções para o coração, não legislação imposta a partir do exterior (uma “mudança fatal” [Von Rad] no entendimento do conceito). No momento em que nos conscientizamos de que Deus fala conosco, o deleite é espontâneo, pois a Torá modela uma nova vida em nós.

Este deleite se desenvolve em meditação na Torá. Meditar (*hagah*) é uma ação física de murmurar e resmungar ao repetir continuamente as palavras até que o assunto se torne parte de seu querer, agir e pensar. Implica num processo refletido de absorção e prazerosa expectativa pelo alimento que fortalece (Sl 119.32). Meditação é mastigação.

A árvore plantada junto às águas correntes é, de fato, uma árvore transplantada para perto dos canais de irrigação, tal como os israelitas exilados se sentiam transplantados para a Babilônia. A árvore transplantada fala da oração sob circunstâncias adversas. Ali achavam que não conseguiram orar; todos supomos que poderíamos orar se estivéssemos no local apropriado, permitindo que as circunstâncias nos impeçam de cumprir a Palavra de Deus. A compreensão do invisível começa no visível. Precisamos mergulhar no que é concreto e terreno para desenvolvermos nossa vida de oração, e não em abstrações e pensamentos refinados. A meditação na Torá é a ação que nos afasta de palavras que distraem e nos colocam em alerta.

2) *Adoração*. O Sl 2 também fala de meditação, mas com atitude contrária ao deleite. Aqui *hagah* exige a tradução “tramam”. É o mesmo interesse absorvente e contínuo pela Palavra de Deus, mas aqui busca se livrar dela. Estas pessoas veem as palavras de Deus como correntes que restringem sua liberdade; querem ser governadas por suas próprias palavras. São pessoas numerosas e poderosas na terra, em ativa conspiração contra o domínio divino. Que diferença a oração pode fazer? A intimidação é tão fatal para a oração quanto a distração.

Necessitamos de um ato de imaginação que nos capacite a ver que o mundo de Deus é gigantesco, muito maior que o mundo humano. Se falharmos, oraremos de forma covarde e acomodada. O Salmo 2 atende a esta necessidade nos apresentando o Messias. Ele é a invasão divina no mundo

secular. Apesar de isso parecer improvável, o método de Deus é sempre o mesmo: ele adentra a história por meio de seres humanos simples ungidos (os messias) e exerce seu domínio a partir desta modesta posição e a partir daquela pessoa simples. Em Jesus o método chega ao clímax.

Dois detalhes encorajam esta imaginação: a) Deus se ri da arrogância do mundo (2.4); o riso restaura a perspectiva, pois toda pretensão excessiva é vista como uma postura tola. b) Deus convida todos à adoração (2.11), à sujeição voluntária, senão serão destruídos (2.10). Não é uma soberania imposta, e sim invasiva, pois começa do interior para o exterior.

A Bíblia Hebraica se divide em três segmentos: a Torá é a palavra primária de Deus; os Profetas são esta Palavra em ação na história; os Escritos determinam nossa resposta à Palavra em oração e fé. Os dois primeiros salmos atuam como funis, direcionando a Torá (Sl 1) e os Profetas (Sl 2) no caminho da oração. O Sl 1 é calmo, conduz nossa vida distraída a uma atitude de suprema atenção; por meio dele nos tornamos uma árvore (raízes na Torá), concentrando energias para ouvir atentos. O Sl 2 é vigoroso, contra-atacando este mundo ameaçador que nos intimida a nos escondermos; por meio dele observamos o Messias (Deus imanente) quase sempre incógnito, mas soberano; o salmo expande nossa visão para adorarmos.

3. Linguagem

Nós nos preparamos para a oração ao nos reestruturarmos, adequando nossa vida interior para a recepção da verdade (não para aquisição de fatos). A oração é uma expressão primitiva; não aprendemos primeiro como fazê-lo, simplesmente oramos.

A linguagem característica da oração é pessoal, direta, desesperada (Sl 3.1). É forjada na severidade do problema. O primeiro som que emitimos é um lamento, pois a linguagem é o meio de obtermos o que precisamos dos outros. A natureza da linguagem fornece percepções para o aprendizado e a prática da oração.

Observar como a linguagem funciona é um bom modo de entender a oração. Ela é um mistério similar à oração: é ferramenta primária para a compreensão, mas não é em si mesma compreendida. É usada em muitos níveis diferentes, com diversos propósitos. A linguagem da oração ocorre basicamente no nível pessoal e com o propósito de livramento. A oração é a linguagem de quem está consciente de suas dificuldades e que acredita que Deus pode livrá-lo. Os problemas são o combustível básico para a oração. A receita para orar sem cessar não é um regime ascético, mas reconhecer as dificuldades que enfrentamos.

Um mapa do terreno da linguagem ajuda a percebermos as características da oração. Usamos três tipos de linguagem: (I) uma linguagem para intimidade e relacionamento pessoal; (II) outra para informação, como nas escolas; (III) outra para motivação, como no mundo da propaganda e da política. Em nossa cultura são dominantes os dois últimos tipos (descrição e motivação), mas a linguagem de intimidade definha (sobrevive nos poucos momentos de paixão ou relacionamento íntimo).

A linguagem I predomina nos salmos e na oração, mas é nela que somos menos eficientes. Frequentemente, esta é a linguagem mais necessária para a nossa humanidade, para descobrirmos quem somos, para amar e cuidar, para nos relacionarmos com Deus. As outras são importantes, mas sem aquela se tornam sem vida. É fatal para a oração usar linguagem descriptiva ou motivacional; usá-las (como é nosso hábito) é não orar na prática. Devemos permitir que os Salmos nos treinem na linguagem da intimidade. Aprender a orar é recuperar esta nossa primeira linguagem.

O Sl 3 é a primeira oração verdadeira dos Salmos. O lamento de abertura (v. 1-2) especifica o problema: inimigos são numerosos, agressivos e me desprezam. O texto logo muda para um cântico de confiança (v. 3-4), que expressa uma salvação tripla: Deus é escudo (protege contra muitos); é glória (contra os escárnios); eleva minha cabeça (contra a agressão). Surge, então, uma declaração renovada de confiança (v. 5-6), que descreve ações usuais (deitar, dormir, acordar). Estas ações são

uma oração [pela atitude de confiança em Deus em meio ao perigo]. O texto segue com dois imperativos e dois indicativos. Os imperativos conclamam Deus a fazer aquilo que só ele pode fazer; os indicativos expressam sentimentos intensos e violentos numa metáfora orada. A linguagem do salmo não se preocupa se ofende nossa sensibilidade; sua genialidade reside na completa exposição do espírito humano em resposta à revelação divina. A oração termina com reconhecimento da salvação e gratidão. Não há uma única palavra abstrata nesta oração. Os salmos treinam nossa linguagem: deixamos de falar *sobre* Deus e passamos a falar *com* Deus.

4. História

Toda oração é proferida em meio a uma história, por alguém que faz parte dela. A maioria dos salmos possui uma sentença introdutória que os insere em uma história (somente 34 não a têm). Em geral é uma ligação com a vida de alguém ou com o culto no templo. Descobrimos desta forma como os salmos foram orados, mas pouco sabemos acerca de suas origens. Orá-los, não investigá-los, deve ser o principal interesse do cristão.

O trabalho editorial de inserir títulos, embora posterior à sua composição, é parte da formação de nosso texto primário de oração. Isso nos protege do erro comum e fatal da oração espiritualizada, que é uma oração escapista, de sentimentos elevados e pensamentos sublimes, que se perturba pelos assuntos corriqueiros do nosso cotidiano.

Dos salmos com títulos, 73 são conectados a Davi. Sua vida é a narrativa mais extensa da Bíblia (em Sm e Cr); os salmos relatam sua paixão e vida de oração. Ele era leigo: isto nos mostra que o lugar regular da oração é a vida comum. Dos seus salmos, 13 se referem a incidentes específicos (Sl 3; 7; 18; 34; 51; 52; 54; 56; 57; 59; 60; 63; 142), todos eles momentos de tribulação. A oração se inicia na tribulação; oramos quando estamos em necessidade. A partir do problema vem o louvor. Além disso, esta coleção é aleatória; não vincula cada salmo do saltério com um incidente na vida de Davi (ou seja, não prova que Davi orou em cada incidente, nem que a oração é apropriada para todas as circunstâncias); apenas demonstra que há uma conexão de cada salmo com uma história. Desta forma, os salmos se tornam acessíveis a outras histórias; tornam-se a palavra pessoal de Deus para cada situação humana.

Percebe-se o trabalho editorial na formação dos 5 livros de salmos (outros dois sinais editoriais são a introdução ao livro [Sl 1–2] e os títulos). Os editores (mestres espirituais) organizaram o saltério em 5 livros reação aos livros da Torá (Gn–Dt). Deste modo, eliminam a oração presunçosa, que fala a Deus sem antes ouvi-lo. Se oramos sem ouvir a Deus (na Torá), oramos fora de contexto. Mas Deus fala conosco antes de falarmos com ele, apresentando seu plano de salvação ao seu povo. Ele nos fala a fim de obter resposta; os salmos nos instruem neste discurso responsivo. Moisés (a Torá) estabelece a Palavra de Deus que nos conclama ao ser, ao julgamento e à salvação; Davi (os Salmos) fornece a nossa resposta a Deus em confiança, protesto, lamento, louvor.

A oração, portanto, é sempre um discurso responsivo; jamais é um discurso que inicia um diálogo. A oração é a linguagem para respondermos ao que tem sido dito a nós, com potencial para expressar tudo o que está em nós. Toda a vida de fé é diálogo, e nos salmos descobrimos nossa voz. Se verdadeiramente respondemos a Deus, não há coisa alguma que não possamos lhe dizer (cf. Martin Buber, *The prophetic faith*). Porém, observe que não há respostas prescritas ou correspondência capítulo a capítulo entre a Torá e o saltério; as respostas ocorrem em linguagem e forma adequada a este diálogo, pois necessitamos de vocabulário e sintaxe suficientemente pessoais e adequadamente abrangentes para responder a tudo o que Deus nos diz.

Alguns adultos permanecem em eterna adolescência, atraídos por uma salvação superficial e imatura que promete diversão sem a dor do amadurecimento. Todavia, nosso interior deve se desenvolver em conjunto com nosso exterior. Além disso, o caráter individual das pessoas salvas jamais é previsível; é sempre único. O vagaroso desenvolvimento de nosso caráter e fé é feito de forma

individualizada pelo Espírito Santo por meio da oração. Na oração participamos ousada e vigorosamente da história de salvação narrada por Deus e respondemos livremente à Palavra criadora do Deus que fala conosco.

5. Ritmo

O caos do início da criação retrata nossa vida interior: sem forma e vazia. Assim oramos, e a desordem dá lugar à ordem pela voz de Deus (Gn 1). A linguagem usada é rítmica, com cadência, repetição e rima. [O hebraico, em especial, é uma linguagem forte, pulsante e regular]. Este ritmo lança a linguagem para dentro do sistema nervoso. A oração dos salmos também é rítmica, ajustando nossos ritmos internos com o ritmo externo da criação e da aliança. A essência do nosso ser se expressa na inspiração e expiração; não podemos exalar o que não inspiramos antes. Melhor do que orar de modo frenético é se ajustar à cadência da palavra criadora de Deus.

O efeito mais evidente e imediato disso é diminuir a velocidade das orações. A poesia não pode ser apressada; precisa ser lida em voz alta. Requer tempo igual para os sons e silêncios. Por que falamos tanto? Ou tão rápido? A pressa é uma violência praticada em nossos dias. O tempo é sagrado; o propósito da linguagem não é assassinar o silêncio, mas entrar nele, cautelosa e reverentemente. O silêncio não é só um momento em que não há nada mais a ser dito; ele é o aspecto do tempo que dá significado ao som. Ele dá tempo para as palavras pulsarem e respirarem.

O saltério se inicia com uma oração do anoitecer e outra do amanhecer (Sl 4–5), para estabelecer os ritmos fundamentais da criação (“E disse Deus... E assim foi”, “tarde e manhã”) em nossas vidas de oração. O ritmo de inspirar e expirar se integra ao ritmo de dormir e acordar; orações com esse ritmo coordenam o profundamente pessoal com os profundos propósitos de Deus. A ordem, pois, não é reversível; a oração do anoitecer é sucedida pela oração do amanhecer. A sequência não é um capricho do hebraico, é graça embebida na rotação da terra. Dormir e acordar são biológicos e teológicos; as condições físicas são também métodos espirituais.

O Sl 4 marca a transição da luz do dia (na qual é fácil supor que estamos no controle) para a escuridão da noite (quando somos dependentes e passivos). Dormir é também um ato de fé; diariamente abandonamos a consciência e nos entregamos ao ritmo curador de Deus. A oração noturna é um ato deliberado do espírito; deixamos intencionalmente de permanecer no controle.

O Sl 4 é uma oração de beleza simétrica, que trabalha dois contrastes. Primeiro, entre os que perseguem a futilidade (v. 2) e os que confiam na providência (v. 3); algumas pessoas vivem seus dias em desesperado apego por aquilo que não é importante. Segundo, entre os que questionam sempre Deus quanto ao que não têm (v. 6) e os que agradecem pelo que já receberam (v. 7). Imaturos são os infelizes pelo que não possuem; maduros são os felizes pelo que possuem.

O centro da oração apresenta 6 verbos que nos movem da autoafirmação (controle) para a obediência fiel (submissão). É bom irar-se, mas não agendar vingança (v. 4); o que está de errado no mundo é assunto de Deus. No silêncio do travesseiro, abandone a autodefesa (v. 4b); seja simplesmente você, a pessoa que Deus está conduzindo à salvação. Apresente seu dia como oferta; confie que Deus transformará a sua oferta (v. 5). Uma vida pecaminosa é oferecida no altar, uma vida santiificada é recebida de volta.

O Sl 5 nos reintroduz ao mundo desperto. Enquanto dormíamos, Deus estava trabalhando. Para sustentar os ritmos estabelecidos enquanto dormimos, devemos recomeçar o dia em oração. A oração se inicia com a certeza de que Deus ouve (v. 1-3); oramos porque sabemos que seremos ouvidos. A oração matutina nos prepara para a ação. A passividade (na qual permitimos que Deus opere sua vontade em nós) é primária, mas a atividade (obediência) também é essencial. A atividade deve ser contínua à passividade (dependência da graça divina).

O mundo luminoso da ação é perigoso. O Sl 5 nos ensina a discernir entre a ação maligna

(v. 4-6,9-10) e a justa (v. 7-8,11-12). Várias atividades malignas se referem a atitudes e ações verbais: arrogantes, mentirosos, fraudulentos, insinceros, de garganta sepulcral, lisonjeiros. Vivemos por palavras: por meio delas Deus nos fala, por elas oramos a ele; as palavras estão no centro da condição humana. No entanto, há palavras sedutoras e mentirosas que se infiltram em nossa linguagem; precisamos estar alertas quanto ao que ouvimos. Assim, irrompemos o dia com reconhecimento do maligno e exame do nosso coração quanto a suas ilusões.

Tudo isto é apresentado diante de Deus como oferta (v. 3). A obra de Deus começa enquanto dormimos e sem nossa ajuda. Ele continua a agir durante o dia em nosso culto e obediência. Ao ofertarmos nossa vida, renunciamos à posse e ao controle, e aguardamos para ver o que Deus fará com nossa oferta. O sacrifício não é algo que fazemos para Deus, é a expectativa do que ele fará com o que oferecemos. Nossa oferta expressa em palavras o dia que imaginamos: medos e esperanças, apreensões e expectativas. Aguardar é a palavra-chave na oração da manhã: vigiar para ver o que Deus irá fazer com nosso sacrifício de esperanças e medos.

6. Metáfora

Nenhum elemento deste mundo está desconectado de Deus; tudo é criação. Nada é uma inconveniência com a qual somos forçados a viver. A criação é o lugar certo para encontrar e conversar com Deus. Quando oramos, assumimos nossas poltronas neste teatro da glória de Deus. Há gemidos, mas a glória sobressai. A oração acontece neste teatro; todos os salmos são orados nele. Dissociada da criação, a oração descamba para sentimentalismo tolo, misticismo esnobe ou elitismo piedoso. A oração ajuda a manter concreto nosso relacionamento com Deus. O mundo físico é santo.

O estilo dominante neste teatro é a metáfora. Ela usa a linguagem da experiência dos sentidos para nos conduzir ao mundo do invisível: fé, culpa, mente, Deus. Não há um único salmo sem uma ou mais metáforas. É a linguagem característica da oração.

O Sl 18 coloca este método em destaque. É uma oração vigorosa de Davi, resumindo sua vida com muitas metáforas exuberantes. A tarefa na oração não é refinar a linguagem a ponto de atingir uma espiritualidade abstrata, mas torná-la mais densa com suas metáforas, a fim de obter uma espiritualidade que é fruto de experiência real e honesta. O que o ritmo é para o tempo, a metáfora é para o espaço. Deus fala conosco no tempo e no espaço; devemos responder no tempo e no espaço. A linguagem da oração não é abstrata; usa metáforas para não ficar suspensa no ar.

Sempre há pessoas que falam muito sobre oração, mas se afastam da criação. A linha gnóstica pode ser muito convincente. Há uma seriedade ascética e uma intensidade mística que prendem a nossa atenção. Essas pessoas parecem estar muito preocupadas com a vida interior e parecem conhecer muito sobre espiritualidade. Cuidado com os gnósticos! É difícil não gostar deles, ainda mais difícil é rotulá-los. Dois elementos os caracterizam e são fatais à vida de oração: desprezo pelo material e cobiça pelo secreto. Para os gnósticos, a matéria é inferior e prejudica o que é superior; quanto menos se envolverem com coisas materiais, mais tempo se devotarão ao campo espiritual. Eles se deleitam em segredos; pensam que o acesso ao Eterno se dá por meio de uma senha que eles conhecem (gnóstico significa “aquele que sabe”).

A metáfora é o antídoto dos salmos contra o veneno desmaterializante dos gnósticos. Essa linguagem é áspera e inescapavelmente material. Quando oramos, não nos elevamos acima das trivialidades do material, mas as abraçamos, nos tornamos íntimos daquele que as criou. Além disso, ao usarmos na oração uma linguagem comum (como chamar Deus de luz ou rocha), evitamos fingir que nosso relacionamento com Deus depende de revelações especiais. Por usar na oração uma linguagem que todos usam quando não estão orando, nos mantemos em comunhão com todos; evitamos levantar nosso nariz em sofisticada superioridade. Isso funciona no sentido contrário também, a metáfora nos leva a observarmos a criação com novo olhar; ela santifica as coisas e ações comuns do cotidiano.

Embora usassem metáforas, os salmistas sabiam que Deus não é matéria nem representável

por ela; nunca chamaram uma rocha de deus. Sabiam diferenciar entre ídolos e metáforas. Um ídolo reduz e aprisiona; uma metáfora expande e conecta. Um ídolo começa com um mistério, formatando-o em algo mensurável; uma metáfora principia com algo comum, permitindo que se expanda em glória incomensurável. Um ídolo reúne a divindade em uma peça material que pode ser controlada; a metáfora coloca materialidade no discurso, sujeito à espontaneidade dinâmica da conversa com Deus.

As metáforas dos salmos usam a experiência sensorial para desenvolver em nós a experiência da fé; os salmos alcançam sua plenitude no Cristo encarnado (que também nos ensinou a orar por metáforas). As metáforas dos salmos se tornam em Cristo um viver sacramental, em que tudo (coisas e pessoas) aponta para Deus; Jesus usou tudo ao alcance das mãos para nos conduzir a uma consciência de Deus. A metáfora na oração se desenvolve em um viver sacramental, evita a ilusão e os devaneios, de modo a orarmos de modo concreto na realidade de nossos dias, jamais indiferentes a ela ou isolados dela.

Existem duas grandes tradições místicas na vida de oração, rotuladas como apofática (*via negativa*) e catafática (*via afirmativa*). A apofática fecha os olhos para não se distrair do ser puro que é Deus; a catafática abre os olhos permitindo que tudo nos leve a Deus. Há espaço para a oração apofática, mas a oração catafática certamente é normativa: os salmos nos treinam nela, a encarnação a confirma e os sacramentos a perpetuam. Os salmos nos ensinam a orar com os olhos bem abertos!

7. Liturgia

Ao orarmos os salmos, descobrimos que estão imersos no culto comunitário de Israel (como o comprova o termo *Selah*, que indica pausa na liturgia). Não são fruto de místicos solitários, são vozes de corais treinados. Os salmos são as orações da comunidade em adoração diante de Deus. Não os recebemos como devoções pessoais. A oração requer comunidade; a suposição de que a oração é solitária é um grosseiro erro. Somos parte de um todo antes de sermos alguém; isso se evidencia quando oramos.

Liturgia é cortesia. É estar consciente de que há outros aos quais Deus fala. A liturgia fornece espaço, tempo e ordem para o encontro comunitário. Havia uma liturgia em Israel! A liturgia previne a segmentação do povo de Deus devido à singularidade de cada um de nós.

- Um diretor liderava o povo em sua vida de oração no templo (55 salmos tem a notação “ao mestre de música”). Aprendemos a orar ao sermos conduzidos em oração. Normalmente pensamos na oração como algo individual e por iniciativa própria. A liturgia tira o nosso ego do centro; alguém nos lidera na oração, estabelecendo o lugar, o tempo, o modo. Tudo isso acontece num contexto em que a Palavra de Deus tem primazia. O culto é o centro no qual aprendemos a orar. A partir dali prosseguimos com nossas orações em outros ambientes.
- Ao sacrificarmos nossa iniciativa, somos resgatados da tirania de nossos sentimentos. Eles são o flagelo da oração, pois nos enganam e seduzem. Não são mais espirituais que os músculos. Não são parâmetros confiáveis para discernirmos como está nossa vida com Deus. Na liturgia nossos sentimentos encontram expressão, mas não nos controlam.

A liturgia nos leva a orar em comunidade. Isso se expressa bem nas canções (29 salmos possuem indicação de acompanhamento musical) que estabelecem um relacionamento orgânico entre todos os membros da comunidade. A música reúne vozes diferentes e singulares num todo harmonioso. O salmo cantado me conecta com o próximo, me faz orar coisas que não sinto, mas que me identificam com outros. Fico livre da oração auto orientada e autoindulgente. Aprendemos a orar na comunidade reunida e organizada diante de Deus, mesmo quando oramos os salmos individualmente (pois a comunidade está sempre implícita ali). A individualidade marcante dos salmos não é fruto de uma experiência privada. Somos mais nós mesmos quando estamos em relacionamentos de graça e amor. Se deixarmos por nossa conta, nunca seremos mais egoístas do que quando oramos. A liturgia

nos defende da tirania de nossas emoções e do nosso orgulho.

8. Inimigos

A oração dos salmos não busca a paz-zen nem é sonífero espiritual. O salmo oração é combate; leva-nos diante de Deus para lutar contra o inimigo. Depois de Deus, que é o assunto principal, os salmos falam muito sobre inimigos. Nós preferimos cortar fora tais versículos.

- O Sl 137 é escandaloso. Suas duas primeiras estrofes são pungentes; falam da dor do exílio e da opção significadora do silêncio. A terceira estrofe usa a palavra feliz (conforme Sl 1 e 2) para sua denúncia contra os inimigos. É ódio puro e sem preparo. Nosso ódio precisa ser orado, não suprimido (vontade de muitos). Se não for admitido, pode se transformar no mal que o provoca. Se não for orado, perdemos percepção e energia essenciais na luta contra o mal.
- O texto é honesto; há perplexidade diante da intensidade do mal. Odeia-se o que se vê. Em nome das demais vítimas, expressam sua visão diante de Deus. O ódio com frequência nos coloca de joelhos, orando por justiça aos violados. Ele é um degrau à presença divina, que usa o que lhe apresentamos. É melhor orar mal do que não orar. Vestimos nossas melhores roupas para orar; de repente o texto expõe o nosso pior. É difícil sermos honestos em nossas dores, quanto mais em nosso ódio. Os salmos nos ensinam que devemos orar o que realmente somos, não o que achamos que deveríamos ser.

Os salmistas são pessoas iradas. O Apocalipse de João apresenta linguagem violenta contra os ímpios. Jesus mesmo foi um bom amaldiçoador. Mas sua última palavra é de amor aos inimigos (Mt 5:44). Mas isto pressupõe identificá-los. Nosso ódio é usado por Deus para nos fazer reconhecer os inimigos da vida e nos envolver em ativa compaixão por suas vítimas. Nosso amor pelos inimigos, em geral, só despertará ainda maior fúria.

9. Memória

A oração amadurece na prática da memória. A oração não é uma organização sistemática de nossas vidas desorganizadas; a oração é a intensificação da vida. Os salmos nos ensinam a linguagem da oração como nossos pais (em palavras desarrumadas e contextuais; não em gramáticas). Ao orarmos os salmos, amplificamos nossas memórias e com isso aprendemos a gramática deste discurso. A maioria daquilo com que vivemos vem do passado; se permanecermos alienados desse fundamento, existimos sofrivelmente no presente, sem profundidade ou sabedoria. A oração toma o que aconteceu conosco (nossas experiências genéticas, culturais e sociais) e o metaboliza na vida diária presente. Existem 3 grandes áreas nessa recuperação e prática da memória na oração:

- A oração resgata o modelo da nossa criação. Fomos criados bons, mas temos consciência de nossas falhas. Os salmos ativam nossas lembranças da criação (Sl 8), colocando nossas vidas em perspectiva diante de Deus. Este sentido desenvolvido da criação traz definição de limites entre nós e Deus, entre nós e o resto da criação. Apenas pronunciar o nome de Deus já restaura nossa orientação: é como uma corda que me puxa da lama do subjetivismo; minha vida é dirigida a outro maior e não eu mesmo. O ato de falar nos conduz à ordem; esta é resgatada ao orarmos nossa desordem e caos, pois o colocar isto em palavras já resulta em uma forma. A oração não traz algo novo nesta área, mas expressa o que está lá, ativando nossa memória da criação.
- A oração reconhece nossa implicação no pecado. Costumamos evitar encarar nossa maldade, mas os salmos nos conduzem à consciência de sermos pecadores. O pecado se manifesta persistentemente apagando a memória de sua existência. Usamos uma cortina de fumaça, renomeando-o como ignorância (erro na mente) ou enfermidade (no corpo). Escolas e hospitais têm substituído as igrejas como lugares para cuidar do que está errado

conosco. Mas não há sinais de melhora nas pessoas! Os salmos nos dão vocabulário para reconhecermos nosso pecado de separação de Deus (veja em especial os 7 salmos penitenciais: 6,32,38,51,102,130,143). Os salmos aguçam nossa memória tanto para os pecados cometidos quanto para os que teríamos cometido se tivéssemos energia e/ou oportunidade.

- A oração recupera nosso sentimento pela salvação. Ela explora os contornos desta pátria, os detalhes da graça, misericórdia e bênção de Deus. Os salmos resistem à banalização da salvação, ampliando nossos curtos horizontes. A salvação é inclusiva, invade o secular, reivindica tudo para o amor. Na oração somos sempre levados à ação que salva (não ficamos só na memória da criação ou do pecado), a um final perfeito que Deus está produzindo. É muito fácil esquecermos os benefícios (Sl 103.2). Se não lembramos, somos despojados das mais ricas dimensões do nosso ser. Sem oração, é apenas tagarelice instruída.

A oração desenvolve nossa memória para com Deus. Sem oração, não há acréscimo de significado em nossas vidas. Experiências passadas são conectadas e identificam possíveis futuros. A memória não é nostalgia, mas seleciona e reorganiza o passado para utilizá-lo no presente.

10. Fim

O fim da oração é o louvor. Após a longa jornada da dor, a última palavra é sempre de louvor. O próprio título do livro (“Louvores”, *tehillim*) chama a atenção por sua imprecisão, pois muitos salmos são queixas. Os salmos nos fazem experimentar nossas vidas com profundidade e honestidade dolorosas. Seria este título falsa propaganda? Não, pois descreve o produto final. Toda oração, mantida com perseverança, torna-se louvor.

O fim tem maior influência em nossas vidas que o começo. A vida humana consiste em decidir ser o que ainda não somos, em começar a ser o futuro. A Bíblia explica pouco sobre nossas origens, mas investe tempo para apontar nosso futuro. “O que quero ser quando crescer” detém mais influência no que digo e faço do que meu código genético.

O louvor é a dimensão escatológica da oração. Não raro, no meio de um terrível lamento, o louvor irrompe (Sl 13.5-6). A experiência da oração envolve dúvidas (5 perguntas) e necessidades (3 petições), mas o júbilo é antecipado, escatológico.

O Sl 145 é o único intitulado como “Louvor”. É o primeiro do engenhoso final que conclui o saltério. É um acróstico com as 22 letras do alfabeto hebraico, fazendo uma antologia que ecoa os 144 salmos anteriores. Cada versículo é uma sentença de louvor. Em vez de relembrar toda a gama de experiências da oração, este compêndio foca apenas no louvor. O fim de toda oração fica aqui explícito: o louvor irrompe.

Seguem-se a ele 5 salmos de aleluia. Esta celebração da salvação divina se realiza para os cristãos na eucaristia, a Ceia que celebra a vitória de Cristo. A eucaristia (ações de graças) descreve o alvo da oração. Isto já transparece na doxologia ao final de cada livro editado (41.13; 72.19; 89.52; 106.48; 150.6). Num crescendo, o louvor chega ao clímax nos treze aleluias do Sl 150! Os cinco salmos de aleluia, uma para cada livro, são vigorosos; são uma catedral construída de louvores. O louvor é a oração de encerramento, é uma conclusão elaborada e intencional. O futuro não é um livro em branco a ser escrito, mas uma fonte de esplendor que aguardamos; a oração abre nosso entendimento para as possibilidades a serem concretizadas, “a glória que em nós será revelada”.